

Democratização do ensino superior e a inserção do aluno trabalhador: desafios e perspectivas

***Janaína Silveira de Melo¹, Laiza Meira de Borba², Marilsa de Sá Rodrigues
Tadeucci³, José Luis Gomes da Silva⁴***

¹Universidade de Taubaté/ Programa de Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional, Rua Expedicionário Ernesto Pereira, 225 – Centro – Taubaté, oijana@hotmail.com

²Universidade de Taubaté/ Programa de Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional, Rua Expedicionário Ernesto Pereira, 225 – Centro – Taubaté, laizameiraborba@hotmail.com

³Professora Doutora e Orientadora do Programa de Pós-graduação em Gestão e Desenvolvimento Regional - PPGDR - Universidade de Taubaté – Rua Visconde do Rio Branco, 210 Centro - 12020-040 – Taubaté/SP – jmtadeucci@uol.com.br

⁴Professor Doutor e Orientador do Programa de Pós-graduação em Gestão e Desenvolvimento Regional - PPGDR - Universidade de Taubaté – Rua Visconde do Rio Branco, 210 Centro - 12020-040 – Taubaté/SP – gomesdasilvaaster@gmail.com

Resumo- O escopo desta pesquisa busca investigar o cenário atual do ensino superior noturno e o perfil dos seus alunos-trabalhadores. Dentro deste cenário, onde o indivíduo, homens, mulheres, jovens e adultos conciliam o trabalho com o estudo, acumulando responsabilidades e dedicação à educação, ao trabalho e à família necessitam de um tipo de aula que ofereça uma adaptação às suas limitações. O objetivo da pesquisa é identificar o processo de interação entre aluno e o ensino superior noturno. Para a elaboração do trabalho foi realizado uma pesquisa bibliográfica com o objetivo de demonstrar dados estatísticos que apontam o crescimento do perfil destes alunos no ensino superior noturno.

Palavras-chave: Ensino Superior Noturno, Estudante-Trabalhador, Educação.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas / Educação.

Introdução

Este trabalho nasceu a cerca da preocupação com o perfil do ensino superior noturno e seus alunos-trabalhadores. A educação é um processo complexo, onde o indivíduo reconstrói sua experiência e se adapta ao meio. A aprendizagem consiste em cada ato de adquirir algo novo quando o termo é tomado em sentido estrito. Por outro lado, o conjunto destes atos nas suas inter-relações e nos modos como afetam o sujeito e a realidade em que o mesmo está inserido constitui a aprendizagem em sentido amplo (MARQUES, 1973).

Os sistemas de educação não constituem os únicos espaços de formação e de produção de conhecimento, onde a escola é uma situação social. A Instituição de Ensino Superior tornou-se um espaço central de integração social e de formação para o mercado de trabalho.

Por meio das Instituições de Ensino Superior, o estudar ocorre num contexto de grupos, onde a aula representa o grupo de cada um dos estudantes, sendo trabalhadores ou não. Observa-

se, por outro lado, que, para bem exercer suas competências, os adultos que participam da instituição se engajam numa pluralidade de atividades grupais: equipe de supervisão, corpo administrativo, grupo docente, associação de pais e mestres, dentre outros. A partir daí decorre que pelo menos parte do sucesso do professor depende de sua habilidade para trabalhar em grupo, ou seja, de sua capacidade em comprometer esforços cooperativamente na solução de problemas (MARQUES, 1973).

“Aprender e ensinar constituem atividades muito próximas da experiência de qualquer ser humano: aprendemos quando introduzimos alterações na nossa forma de pensar e agir, e ensinamos quando partilhamos com o outro, ou em grupo, a nossa experiência e os saberes que vamos acumulando”. A aprendizagem é um processo natural inerente à condição do ser vivo e à necessidade de sobrevivência (TEODORO; VASCONCELOS, 2003, p. 35).

Metodologia

Este estudo teve as suas bases teórico-metodológicas na pesquisa bibliográfica que busca apontar dados do perfil do ensino superior, que comprovem a relação entre o ensino noturno e o trabalhador-aluno.

Posteriormente foi realizada uma análise da revisão bibliográfica, iniciando desde a necessidade da educação até o perfil atual das instituições de ensino.

Resultados

Desde 1870, época em que o atendimento da população escolar não atingia 10% da totalidade, foram criadas escolas noturnas para educação de adultos, algumas pela iniciativa privada e outras por iniciativas da administração provinciana, porém de forma precária e irregular. A desconsideração da escola noturna quanto às reais necessidades e características de sua clientela gerou o problema da evasão do ensino noturno, fazendo com que muitas escolas chegassem a ser extintas. Os problemas encontrados nos séculos passados, de certa forma, refletem-se, ainda hoje, no ensino superior noturno (CUNHA; OLIVEIRA, 1988).

Furlani (1998, p. 21) comenta que, a década foi marcada pela abertura de faculdades no período noturno, sobretudo instituições particulares, como reflexo das lutas dos estudantes excedentes dos anos 1960 (estudantes que eram aprovados nos vestibulares de universidades públicas, mas por falta de vagas não podiam ser admitidos).

A partir dos anos 1960, houve uma expansão quantitativa decorrente da Reforma Universitária de 1968 e da pressão popular para que a educação fosse democratizada no nível superior. No triênio seguinte, 1969, 1970 e 1971, foram criados 209 novos cursos, sobretudo no período noturno (SAMPAIO, 2000).

Para Santos (1995), ante essas pressões e transformações que cercaram o ensino universitário neste período do século passado, a unicidade dos seus fins abstratos voltou-se para uma multiplicidade de funções, por vezes contraditórias, relacionadas com o aumento de seus estudantes e docentes e a proliferação e expansão do ensino e pesquisa a novas áreas do saber. Essa situação se tornou ainda mais complexa com a proliferação generalizada do ensino superior noturno no país, observada principalmente no final dos anos 90.

A década de 90 foi marcada por uma busca da qualidade e da excelência por parte do Estado, por meio da LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, acompanhando as mudanças do mercado de trabalho, que lançou

mão e aprimorou instrumentos como a avaliação institucional e a avaliação educacional.

Sobre isso, Morosini (2000) salienta que o professor universitário também sofreu uma marcante pressão, advinda da legislação, imposta pela instituição de ensino e buscada por ele, para a busca de sua qualificação e melhor desempenho, no qual o didático passou a ocupar um papel de destaque. Essa pressão proveniente do governo, cujo objetivo era avaliar a qualidade do ensino superior, foi imposta para a instituição de ensino, para obter o seu credenciamento junto ao MEC, captando assim mais alunos, e foi buscada pelo professor para a manutenção do seu emprego e aumento de remuneração, entre outros requisitos.

A partir de 1990, as políticas de educação superior no Brasil, enfatizam a necessidade de ampliar o acesso dos jovens a esse nível de ensino, posto que um grande contingente ainda se encontra excluído das universidades, oferecendo cursos de graduação noturnos para atender a essa nova demanda de estudante que é trabalhador muitas vezes já engajado no mercado de trabalho e que necessita do estudo superior como meio de ascensão socioeconômica (ANDREOLI, 2009).

O ensino superior noturno, na atualidade, é representativo no país, dando continuidade ao ritmo de crescimento do setor nos últimos anos, o censo da educação superior de 2008 registrou o ingresso de 1.505.819 novos alunos. As Instituições de Ensino Superior privadas foram responsáveis por 79,6% desses ingressos já nas públicas, observou-se uma diminuição de 10,4% do número de ingressos das instituições municipais (Tabela 1).

Tabela 1 - Evolução do número de ingressos por processo seletivo na Graduação Presencial, segundo a Categoria Administrativa no Brasil - 2002 a 2008

Ano	Total	%Δ	Pública						Privada	%Δ		
			Total	%Δ	Federal	%Δ	Estadual	%Δ			Municipal	%Δ
2002	1.205.140	-	280.491	-	122.491	-	125.499	-	32.501	-	924.649	-
2003	1.262.954	4,8	287.081	-4,8	120.562	-1,6	108.778	-13,3	37.741	18,1	985.873	7,7
2004	1.303.110	3,2	287.242	7,5	122.899	1,9	125.453	15,3	38.890	3,0	1.015.868	2,0
2005	1.397.281	7,2	288.681	0,5	125.375	2,0	122.705	-2,2	40.601	4,4	1.108.600	9,1
2006	1.448.509	3,7	297.407	3,0	141.989	13,3	117.299	-4,4	38.119	-8,1	1.151.102	3,8
2007	1.481.955	2,3	298.491	0,4	151.640	6,8	109.720	-6,5	37.131	-2,6	1.183.464	2,8
2008	1.505.819	1,6	307.313	3,0	162.115	6,9	111.913	2,0	33.285	-10,4	1.198.506	1,3

Fonte: MEC/INEP/DEED

Fonte: INEP (2010)

Esses dados ficam mais evidenciados quando subdivididos em regiões do país, onde a região Sudeste é responsável por mais da metade dos alunos matriculados (Tabela 2) e concluintes (Tabela 3) em ensino superior noturno.

Tabela 2 - Evolução do número de matriculados segundo a Região - Brasil - 2002 a 2008

Ano	Brasil	%Δ	Norte	%Δ	Nordeste	%Δ	Sudeste	%Δ	Sul	%Δ	Centro-Oeste	%Δ
2002	3.479.913	-	190.111	-	542.409	-	1.746.277	-	677.655	-	323.461	-
2003	3.887.022	11,7	230.227	21,1	624.692	15,2	1.918.033	9,8	745.164	10,0	368.906	14,0
2004	4.163.733	7,1	250.676	8,9	680.029	8,9	2.055.200	7,2	793.298	6,5	384.530	4,2
2005	4.453.156	7,0	261.147	4,2	738.262	8,6	2.209.633	7,5	845.341	6,6	398.773	3,7
2006	4.678.646	5,0	280.554	7,4	796.140	7,8	2.333.514	5,6	854.831	1,1	411.607	3,2
2007	4.880.381	4,4	303.984	8,4	853.319	7,2	2.431.715	4,2	864.264	1,1	427.099	3,8
2008	5.000.056	4,1	323.190	6,3	912.693	7,0	2.512.560	3,3	887.182	2,7	444.431	4,1

Fonte: MEC/INEP/DEED

Fonte: INEP (2010)

Tabela 3 - Evolução do número de concluintes segundo a Região - Brasil - 2002 a 2008

Ano	Brasil	%Δ	Norte	%Δ	Nordeste	%Δ	Sudeste	%Δ	Sul	%Δ	Centro-Oeste	%Δ
2002	466.280	-	17.765	-	68.824	-	255.980	-	84.960	-	38.731	-
2003	528.223	13,3	23.228	30,7	78.518	11,2	293.712	10,8	98.569	13,7	48.208	24,5
2004	626.617	18,6	47.739	105,5	80.870	17,2	322.878	13,8	105.455	9,2	60.877	26,3
2005	717.858	14,6	35.719	-25,2	102.598	14,4	387.847	20,1	119.987	13,8	71.829	18,2
2006	736.829	2,6	38.301	7,2	107.353	4,6	392.099	1,3	127.145	8,0	71.331	-0,8
2007	756.799	2,7	44.285	15,6	114.785	6,9	402.088	2,4	127.287	0,1	68.457	-4,0
2008	800.318	5,8	42.358	-4,3	116.820	1,8	434.152	8,0	133.424	4,8	73.766	7,8

Fonte: MEC/INEP/DEED

Fonte: INEP (2010)

O índice de alunos do ensino superior noturno vem crescendo a cada ano, superando em mais de 40% o total de alunos do ensino superior diurno (**Erro! Fonte de referência não encontrada.**).

Tabela 4 - Evolução do Número de Concluintes, por Categoria Administrativa, segundo a localização – Brasil – 2002 a 2008

Ano e localização	Total	%Δ	Pública				%Δ	Privada		
			Federal	%Δ	Estadual	%Δ		Municipal	%Δ	
2.002 Total	466.280	-	71.285	-	63.917	-	15.899	-	315.159	-
Capital	201.602	-	47.359	-	14.787	-	-	-	139.566	-
Interior	264.678	-	23.926	-	49.150	-	15.899	-	175.593	-
2.003 Total	528.223	13,2	84.341	18,3	65.375	2,3	19.443	22,3	359.064	12,2
Capital	228.905	13,5	54.096	14,2	15.950	8,0	124	-	158.765	12,1
Interior	299.318	4,8	30.275	26,6	49.425	0,8	19.319	21,6	200.299	12,3
2.004 Total	626.617	18,6	88.098	4,5	93.152	42,5	21.912	8,1	424.356	15,4
Capital	295.095	16,2	64.008	-0,1	18.942	-4,3	209	98,5	195.226	19,7
Interior	330.522	20,5	24.090	12,8	74.510	64,8	20.903	7,7	229.129	12,8
2.005 Total	717.858	14,6	86.011	-2,4	87.676	-5,9	21.867	4,1	522.304	18,8
Capital	307.708	15,8	55.887	3,4	16.728	18,5	195	-8,7	231.620	15,8
Interior	410.150	13,8	30.144	-11,6	70.948	-11,2	21.672	4,2	290.384	21,1
2.006 Total	736.829	2,6	83.686	-2,7	76.516	-12,7	22.893	4,6	553.744	5,7
Capital	319.405	3,8	55.317	-1,0	15.995	-18,9	173	-11,3	247.620	6,5
Interior	417.424	1,8	28.369	-5,9	60.521	-10,9	22.710	4,8	306.824	5,0
2.007 Total	756.799	2,7	89.257	6,7	80.914	4,8	24.260	6,0	563.268	1,7
Capital	323.613	1,3	57.737	4,4	15.755	-1,5	252	-5,7	249.789	0,7
Interior	433.286	3,8	31.520	11,1	64.259	6,2	24.008	5,7	313.499	2,4
2.008 Total	800.318	5,8	84.036	-5,8	78.879	-1,4	24.843	2,4	612.560	8,0
Capital	345.291	6,7	55.074	-3,7	16.318	3,6	358	-21,1	273.041	6,5
Interior	455.027	5,0	28.962	-9,7	62.561	-2,6	24.485	2,0	339.519	7,7

Fonte: MEC/INEP/DEED

Fonte: INEP (2010)

Diante deste cenário em constante crescimento, em se tratando de educação de nível superior noturno, subentende-se que as Instituições de Ensino precisam responder positivamente e de imediato ao que o mercado de trabalho exige, renovando o espaço voltado para desenvolvimento

de pesquisas, atendendo ao constante avanço tecnológico, para formação de profissionais criativos, dinâmicos, inovadores, competitivos, aptos para ingressar no mundo de trabalho que, cada vez mais, se torna seletivo e exigente (ANDREOLI, 2009).

Se, por um lado, observa-se a dificuldade de atrair e manter o aluno nas Instituições de Ensino Superior noturno devido à expansão e abertura desordenada de cursos de graduação, por outro, tem-se exigido cada vez mais profissionais educadores mais capacitados com novas habilidades e competências com capacidade de aprender, redefinir atividades, redesenhar rotinas e processos, reavaliar os resultados e adaptar-se à realidade competitiva (CAMARGOS *et al.*, 2006).

Inserido num contexto educacional no qual as ações e políticas governamentais aparentemente primam pela quantidade ao invés da qualidade, conforme assinala Colares-Mendes (2004), há um número significativo de docentes que assumem suas funções em salas de aulas nas universidades e faculdades espalhadas por todo o país sem sequer refletir sobre o real papel do professor na formação do aluno.

Os profissionais educadores precisam estar atentos às preferências de ensino, realidade que o aluno gostaria de ter, à forma como gostaria que o professor agisse e o tratasse, à forma como a Instituição de Ensino Superior o trata, entre outros aspectos, preferência baseada mais em aspectos cognitivos e pessoais, a qual lhe é apazível e desperta o interesse (CAMARGOS *et al.*, 2006).

Discussão

A chegada do estudante-trabalhador do ensino superior noturno à instituição envolve alguns aspectos relevantes como: condições de trânsito, existência, qualidade e frequência de transportes coletivos, segurança pública, disponibilidade de horários. Estes fatores podem facilitar ou não, a chegada do estudante-trabalhador à instituição de ensino, podendo alterar sua condição física para as aulas (disposição, capacidade de concentração e assimilação), além disto, podem causar atrasos em sua chegada causando perda de aulas, de avaliações e por vezes, representando a reprovação em um semestre ou ano letivo (FILHO, QUAGLIO, 2005).

Educação e Docente

O professor é o ator que está sempre à procura de maiores níveis de perfeição e crescimento pessoal. Ele sabe que, em qualquer circunstância de ensino, os alunos sempre o tomarão como modelo, numa atitude de aceitação ou de crítica (MARQUES, 1973).

De acordo com a OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico,

juntamente com a UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura (2001 *apud* BULLING, 2006) há uma crescente demanda por maior qualificação acadêmica e necessidade de atualização contínua dos conhecimentos e das competências pedagógicas dos professores, que é tão criticamente dependente do progresso econômico e social. As instituições de ensino e os professores têm de responder pelo desenvolvimento e entrega do conteúdo adequado da educação, acrescentando que é necessário complementar a gestão dos professores em sua disciplina com a competência de ensino para facilitar o desenvolvimento de habilidades de alto nível em seus alunos. Entre estas habilidades são mencionados a motivação para a aprendizagem, a criatividade e a cooperação.

Moran *et al.* (2000, p. 33) corrobora comentando que a docência universitária “é prazerosa – ninguém obriga que ela ocorra; é uma relação feita através da sedução, da emoção, da exploração sensorial [...]. Ela fala do cotidiano, dos sentimentos, das novidades [...] educa enquanto estamos entretidos. Imagem, palavra e música integram-se dentro de um contexto comunicacional de forte impacto emocional, que predispõe a aceitar mais facilmente as mensagens”.

Os profissionais educadores – docentes – consomem grande parte do tempo das suas atividades em sala de aula e, sempre interrogando como as aulas poderiam ser mais bem aproveitadas pelos alunos. Ao mesmo tempo, em que se questionam de técnicas que poderiam usar, de que ouviram falar algum dia, mas que não acreditam ser tão importante quanto o domínio do conteúdo para o exercício da docência. E, em geral, as preocupações se voltam mais uma vez para alguma especialização conteudística (TEODORO; VASCONCELOS, 2003).

Ao se preocupar com a melhoria da docência não se pode esquecer de que por trás do modo de lecionar existe um paradigma que precisa ser explicitado, analisado, discutido, a fim de que a partir dele se possa pensar em fazer alterações significativas no transcorrer das aulas: O perfil do estudante-trabalhador do ensino superior noturno.

O profissional educador deve enfatizar a ação do ensinar-aprender. A busca por metodologias que enfatizem a participação do estudante-trabalhador e do professor no processo de ensinar e aprender; estratégias que colaborem para se atingir os objetivos propostos na disciplina e que tenham um caráter criativo, dinâmico, crítico, reflexivo, real, transformador, que levem a uma aprendizagem efetiva e formativa, com conteúdos atualizados e direcionados à futura profissão, e façam o aluno perceber a sua transformação

pessoal por meio do aprendizado (CHUDO; SONZOGNO, 2007).

Estudante-trabalhador - discente

Analisando historicamente o estudante que trabalha, cerca de meio século atrás, quando em 1957, Anísio Teixeira expõe a alta prioridade atribuída ao estudo em detrimento ao trabalho para o estudante (TERRIBILI, 2007).

Avançando em cerca de vinte anos, Mendes (1986, p. 620) já apresenta o estudante trabalhador caracterizado como o “do período noturno”, qualificando-o em geral, como aquele que chega cansado pelo fato de vir de uma longa jornada de trabalho, mais maduro que o estudante do curso diurno, “... o aluno típico, quase sempre como um trabalhador; o aluno que trabalha durante o dia e que, portanto, normalmente, chega cansado à escola. É geralmente, de idade média superior à idade média de seu colega de cursos diurnos, e também, supostamente, mais maduro...” O curso noturno é procurado como fator de melhoria das condições de trabalho, de emprego, de remuneração e de ascensão social. [...] ele prevalece entre os estabelecimentos da rede particular [...] as universidades comparecem invariavelmente com números mais modestos; a área de Humanidades presta-se, notoriamente, mais que a de Ciências para cursos noturnos, e a concentração geográfica destes torna-se mais nítida na região Sudeste (TERRIBILI; QUAGLIO, 2005).

Finalmente, o estudante-trabalhador é aquele que pode ou não ter dependência financeira da família, podendo até contribuir com o orçamento familiar doméstico. Para o estudante-trabalhador, estudar é uma decisão pessoal, baseada em seus valores, aspirações e recursos financeiros; sua atividade profissional é muito importante, e o estudo, uma contingência, havendo uma relação de subordinação das obrigações estudantis às atividades produtivas, por isso, a graduação é vista como uma possibilidade de contribuição na sua melhoria profissional e financeira. Romanelli (1995, p. 455) destaca ainda que, para o estudante-trabalhador, o curso superior representa um investimento de vulto não apenas financeiro, mas pela necessidade de conciliar trabalho e estudo, pouco tempo livre, que reduz o lazer e o repouso. O autor justifica ainda que tal investimento é considerado compensador, uma vez que qualifica a força de trabalho, com possibilidade de melhor remuneração, valorização social e realização pessoal.

Observa-se no aluno de hoje uma busca pelo caminho menos árduo e objetivo, em detrimento da discussão, da troca de idéias e do aprofundamento da reflexão na busca do conhecimento, desenvolvimento de habilidades

técnicas, amparada por conhecimentos teóricos, de caráter mais universal e humanista, exigindo dos professores uma nova maneira de pensar o ensino e a interação aluno-professor, especificando as experiências que desencadeiam no sujeito uma predisposição para aprender. (CAMARGOS *et al.*, 2006).

Processo de aprendizagem

Outro aspecto do conhecimento, habilidades verbais e motoras, atitudes e valores são aprendidos no dia-a-dia natural da vida e da convivência com pessoas ou com situações especificamente preparadas para o processo de aprendizagem. A palavra de ordem, hoje, na educação brasileira é o ensino por competências, preparando o aluno para o mercado de trabalho, pela contextualização e interdisciplinaridade. O professor pode promover o aprendizado não apenas pela formação tradicional, mas enriquecer suas aulas com procedimentos didáticos diversificados (ANDREOLI, 2009).

A educação, para poder dar resposta ao conjunto das suas missões, deve organizar-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais que, ao longo de toda vida, serão, de algum modo, para cada indivíduo, os pilares do conhecimento: aprender a conhecer, isto é adquirir os instrumentos da compreensão; aprender a fazer, para poder agir sobre o meio envolvente; aprender a viver juntos, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; e finalmente, aprender a ser, via essencial que integra os três precedentes. Estas quatro vias do saber se complementam, formando apenas uma, pois existem entre elas múltiplos pontos de contato, de relacionamento e permuta (ANDREOLI, 2009, p. 21).

Conclusão

Compreender o contexto atual, das relações entre o trabalho e o ensino superior noturno, é ter que compreender a realidade do trabalhador-estudante. O trabalho ao longo das décadas assume diferentes papéis, em um primeiro momento a desvalorização da mão de obra, a valorização de trabalhos especializados, a divisão da sociedade em classes sociais. Num segundo momento, o trabalho vem acompanhado dos avanços tecnológicos.

A sociedade cada vez mais capitalista transforma também o perfil do ensino, com o mercado competitivo a sociedade exige cada vez mais do seu trabalhador uma qualificação e uma especialização, desta forma a educação superior passou a ser reivindicado como meio de mobilidade social o ensino superior noturno passa a ser uma oportunidade para quem já está

integrado no mercado de trabalho ou uma oportunidade para ser inserido no mesmo.

Porém, o ensino superior voltado para o trabalhador-estudante deve estar preparado para o mundo do trabalho e não apenas para o mercado de trabalho, e cabe ao ensino superior noturno ir além do preparo do trabalhador, contribuindo para o desenvolvimento da cidadania, da autonomia necessária para o crescimento para a ação do sujeito, que tenha ciência de suas possibilidades e responsabilidades na construção de novos modelos para a sociedade.

Referências

- ANDREOLI, C.P.P. **Desempenho acadêmico dos alunos do turno noturno e suas relações com o ciclo vigília-sono e cronótipo.** Tese (Mestrado), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2009.
- BULLING, T.B. **Competencias docentes para El siglo XXI.** Tese (Doutorado), Universidad de Sevilla, Santiago de Chile, 2006, disponível em <<http://www.serprofessoruniversitario.pro.br/ler.php?modulo=10&texto=1722>>.
- CAMARGOS, M.A.; CAMARGOS, M.C.S.; MACHADO, C.J. **Análise das preferências de ensino de alunos de um curso superior de administração de Minas Gerais.** Revista de Gestão USP, São Paulo, v.13, n.2, p. 1 – 14, abril/junho, 2006.
- COLARES-MENDES, M. A. **Docência no ensino superior: uma construção permanente.** Montes Claros: Unimontes, 2004.
- CHUDO, M.L.; SONZOGNO, M.C. **O processo de ensino-aprendizagem de adultos universitários: um caso da biologia educacional na formação de educadores.** Revista Investigações em Ensino de Ciências – São Paulo, v.12 (2), p. 183 – 203, 2007.
- CUNHA, C.M; OLIVEIRA, F.A.L. **Ensino noturno em Universidades Oficiais.** Revista Educação e Filosofia. Uberlândia, Vol. 3 (5 e 6), pág. 37-40, jul 1988, junho 1989. Disponível em <www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/articledownload/.../1592>, acessado em 23/04/2010 às 17h12min.
- INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. **Resumo Técnico Censo da Educação Superior** (Dados Preliminares), 2008, disponível em http://www.inep.gov.br/download/censo/2008/resumo_tecnico_2008_15_12_09.pdf.

- FURLANI, L.M.T. **A claridade da noite:** os alunos do ensino superior noturno. São Paulo: Cortez, 1998.

- LAKATOS, E.M.; MARCONI, M.A. **Técnicas de Pesquisa.** 7. Ed. – São Paulo: Atlas, 2009.

- MARQUES, J.C. **Aula como processo: um programa de auto-ensino.** 8. Ed. – Rio de Janeiro: Editora Globo, 1973.

- MENDES, A. **O ensino superior noturno e a democratização do acesso à universidade.** In: Debates e Propostas INEP, Brasília, 1986. Mesa Redonda. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 67, n. 157, p. 617-647, set./dez. 1986.

- MORAN, J.M.; MASETTO, M.T.; BEHRENS, M.A. **Novas tecnologias e medição pedagógica.** Campinas: Papirus, 2000.

- MOROSINI, M. C. **Docência universitária e os desafios da realidade nacional.** In: _____. (Org.). **Professor do ensino superior:** identidade, docência e formação. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 2000.

- ROMANELLI, Geraldo. **O significado da escolarização superior para duas gerações de famílias de camadas médias.** Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 76, n. 184, p. 445-476, set./dez. 1995.

- SANTOS, B. S. **Pela mão de Alice.** O social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 1995.

- SAMPAIO, H. **Ensino superior no Brasil:** o setor privado. São Paulo: FAPESP/HUCITEC, 2000.

- TEODORO, A.; VASCONCELOS, M.L. **Ensinar e aprender no ensino superior: por uma epistemologia da curiosidade na formação universitária.** Organizadores José B. Duarte, Marcos T. Masetto, Oscar C. de Souza – São Paulo: Editora Mackenzie: Cortez, 2003.

- TERRIBILI, A. Filho. **Educação superior no período noturno:** impacto do entorno educacional no cotidiano do estudante. Tese (Doutorado), UNESP – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2007.

- TERRIBILI, A. Filho; QUAGLIO, P. **O cenário urbano para o estudante do ensino superior**

noturno na cidade de São Paulo: triste realidade ou palco de heróis? Millenium Revista do Instituto Superior Politécnico de Viseu, Viseu - Portugal, v. 31, p. 74-87, 2005.